

Posição de Sarney deixa dúvidas

RENATO FAGUNDES *

BRASÍLIA – O senador José Sarney (PMDB-AP) saiu da convenção do partido exatamente como entrou: sem se indispor com qualquer dos lados em disputa. O ex-governador Orestes Quércia, inconformado, garantia que o governo “comprou” os votos da vitória, mas disse que não desistiria da candidatura própria do PMDB. O senador paranaense Roberto Requião passou o dia preparando o terreno para lançar sua própria candidatura à presidência. Ou seja, para os caciques do partido, o resultado de ontem não valeu. Como se previa, a convenção de junho é que decidirá a posição do PMDB em outubro.

Sarney permaneceu equilibrado entre o apoio público à candidatura própria e os sinais de que o PMDB do Maranhão não é exatamente contra a reeleição de Fernando Henrique Cardoso. Com isso, queria manter aberta a porta para o lançamento de um candidato pemedebista – quem sabe, ele próprio – e ainda permanecer nas boas graças do governo, de olho nos cargos que controla e na campanha de reeleição da filha Roseana no Maranhão.

Quércia foi direto: “Vou partir para um trabalho de reorganização do PMDB, para podermos brigar em junho pela candidatura própria”, disse Quércia. Durante toda a convenção de ontem, Sarney não parou de usar sua caneta Montblanc. Não tomava notas nem traçava estratégias: desenhava pequenas flores, rostos masculinos e linhas paralelas numa folha em branco. Não se levantou, não quis se inscrever para discursar e a menção a seu nome nos discursos

não provocava vaias ou aplausos das claques.

Essa presença tímida traduzia a posição dúbia assumida pelos convencionais do Maranhão. Enquanto o ex-presidente garantia que todos os seus “amigos” votariam pela candidatura própria, convencionais de peso diziam outra coisa. O presidente licenciado do PMDB maranhense, João Alberto, por exemplo, garantia 16 dos 25 votos à reeleição de Fernando Henrique.

Ontem, a estratégia de Sarney para explicitar o apoio a Itamar Franco começou cedo. Às 9h55, o ex-presidente saiu de casa no carro oficial do Senado para buscar o também ex-presidente Itamar, no Hotel Nacional. E entraram juntos no plenário. Sarney sentou-se ao lado de Quércia, de frente para a ruidosa claque governista.

Calado, cabeça baixa, Sarney pouquíssimas vezes dirigiu a palavra a Quércia ou ao senador parai-bano Ronaldo Cunha Lima, a seu lado. Só se levantou uma vez, deixando atordoados os assessores, que não conseguiam encontrá-lo: tinha ido ao banheiro.

Ao final, João Alberto não fez segredo: “São 16 votos garantidos para o apoio à reeleição. Se o candidato fosse o Sarney, todos votariam por sua candidatura. Mas o Itamar... Ele acabou de entrar no partido”, disse. “Além disso, não podemos ser desleais com a Roseana.”

Para Quércia, Itamar continua o melhor candidato. “Jamais apoiarei o Fernando Henrique”, disse. A irritação de Quércia com o resultado da convenção não foi a única ao longo do dia. Assim que chegou à Câmara, às 9h, o ex-governador reclamou que

o presidente da Casa, Michel Temer, facilitava a entrada de grupos favoráveis à reeleição. “O tratamento está sendo diferenciado”, disse, preocupado com que o maior número possível de integrantes do MR-8, grupo quercista, entrasse no plenário.

Depois de ter sido vaiado – pela primeira vez numa convenção do PMDB – pela claque contratada para torcer pelo apoio a Fernando Henrique, Quércia lamentou. “Aquilo não eram militantes do PMDB. Foram todos pagos. Não devem nem ser considerados.”

Requião ainda está na fase de prospecção. “Eu posso abrir mão da minha candidatura e apoiar o Itamar, mas o Itamar pode abrir mão da candidatura dele e me apoiar também.” Requião começou a postular sua candidatura ao Planalto desde 1994, quando deixou o governo do Paraná. Agora, depois de ruidosa participação na CPI dos Precatórios, Requião sonha em ser candidato da ala do partido insatisfeita com o governo Fernando Henrique, com apoio dos partidos de centro e de esquerda.

Os adversários fazem questão de ignorar as declarações de Requião sobre sua própria candidatura, pois acham que Requião se declara candidato e ataca o presidente por pura estratégia de marketing político: ele estaria apenas tentando ocupar espaço na mídia para fortalecer sua candidatura ao governo do Paraná. Nas últimas pesquisas, o senador tem aparecido em terceiro lugar na preferência do eleitorado, atrás do governador Jaime Lerner (PFL) e do tucano Álvaro Dias.

Colaboraram: Jailton de Carvalho, Luiz de Queiroz e Jailton Carvalho